

Arieh Kaplan

Sêfer letsirá

O Livro da Criação

Teoria e Prática

Tradução de
Erwin Von-Rommel Vianna Pamplona



Título original:

SEFER YETZIRAH - The Book of Creation

Copyright © 1990, The Estate of Aryeh Kaplan

Publicado primeiramente por Samuel Weiser, York Beach, Maine, USA
como *Sefer Yetziráh*.

Direitos exclusivos de edição desta obra em língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 – CEP 01232-001 – São Paulo – SP – Brasil

Tel. 3826-1366 – Fax 3826-4508 – sefer@sefer.com.br

Livraria virtual: www.sefer.com.br

Tradução, Revisão Técnica

e Editoração Eletrônica Erwin Von-Rommel Vianna Pamplona

Revisão Luiz F. Branco

Scanner W-Edith

Capa Ivo Minkovicius

Produção Jairo Fridlin

Editora Eletrônica 2018 Editora Sêfer e LCT

Impressão e Acabamento RR Donnelley

Agradecimento David Zumerkorn

Nota:

Os versículos da Torá foram extraídos da obra
TORÁ – A LEI DE MOISÉS,
do Rabino Matzliah Melamed, Editora Sêfer, 2001.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio,
sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer.

2002

4ª-Edição Revisada: Março de 2018

ISBN 85-85583-32-0

Printed in Brazil

SOBRE O AUTOR

O Rabino **Aryeh Kaplan** foi um erudito mundialmente famoso da *Torá* que produziu mais de cinquenta livros em sua breve vida, entre eles *Meditation and Bible*, *Meditation and Kabbalah* e *The Bahir*. As obras de Kaplan incluem comentários e traduções de antigas e obscuras obras de eruditos bíblicos e cabalistas, assim como livros aconselhando jovens judeus sobre os méritos do estudo e observância. Durante um período foi editor da revista “Jewish Life”, traduziu um enorme comentário da *Torá* do Rabino sefaradi Iaacov Culi e produziu uma original tradução-comentário dos *Cinco Livros de Moisés*, que chamou *The Living Torah*, publicada pela Editora Moznaim, Israel.

Aryeh Kaplan nasceu no Bronx, Nova Iorque, estudou na Yeshivá local e continuou sua educação em Yeshivot de Israel. Durante um tempo entrou no campo da ciência e foi, por um breve período, o mais jovem físico empregado pelo governo dos Estados Unidos antes de dedicar sua vida ao estudo da *Torá*. O Rabino Aryeh Kaplan faleceu aos 48 anos, em 1983.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
O Texto	19
Autoria	20
O Período Talmúdico	23
Textos e Comentários	28
 SÊFER IETSIRÁ	
Capítulo 1	35
Capítulo 2	121
Capítulo 3	163
Capítulo 4	181
Capítulo 5	219
Capítulo 6	253
 APÊNDICES	
Apêndices I: Outras Versões do Sêfer Ietsirá	279
Versão Curta	283
Versão Longa	291
Versão Saadia	303
Apêndice II: Os 32 Caminhos da Sabedoria	311
Apêndice III: Os Portões	317
Apêndice IV: Edições e Comentários	333
Edições Impressas	335
Outros Livros que contêm o Sêfer Ietsirá	336
Manuscritos	339
Comentários	340
Traduções	347
 NOTAS	351

APRESENTAÇÃO

O *Sêfer Ietsirá* é, sem dúvida, uma obra-prima universal. Trata das origens do Universo, contém os ensinamentos Divinos que permitem ao iniciado transformar pensamento em realidade, letras e números em energia e a energia em matéria. É o livro que traz a chave da realização em todos os sentidos.

Como tudo que emana poder, o *Sêfer Ietsirá* é um livro temido, em parte pela dificuldade em interpretá-lo corretamente e, por outro lado, por ser o livro da genética do Universo. Isto causa uma considerável inquietação no homem contemporâneo, tão acostumado ao ceticismo da atualidade.

Esta edição brasileira é especial. Primeiro, por ser comentada por um dos maiores conhecedores do assunto e, sem dúvida, uma das personalidades mais brilhantes que o século XX produziu: o Rabino Aryeh Kaplan ^{z"l}. Este mestre conseguiu ser cientista sem perder a fé e místico sem perder a racionalidade. O que o torna único é o fato de, aliado aos seus vastos conhecimentos científicos, ter uma impressionante erudição e cultura da mística judaica. Quis Deus que ele tivesse curto tempo entre nós, mas fica a certeza de que o mundo se tornou melhor por que ele passou por aqui. Com sua extrema sabedoria e poder de síntese, o Rabino Kaplan conseguiu tornar compreensíveis os mais profundos aspectos da prática cabalística. Ele não somente demonstrou conhecimento, mas fez transparecer uma coragem extraordinária, ao tornar acessível ao público leigo textos ocultos da Cabalá, quebrando tradições que mantinham esta maravilhosa ciência sob o véu da superstição e do temor excessivo.

Esta edição do *Sêfer Ietsirá* ocupa o lugar que lhe cabe naturalmente por ser obra da mais pura pesquisa e da mais valiosa síntese prática. Para o iniciado, será uma complementação em sua busca; para o pesquisador da mística será fonte preciosa de sabedoria e conhecimento; para o neófito ou leigo, este livro será a porta de entrada para os mistérios do Universo. Com o *Sêfer Ietsirá* em mãos inicia-se verdadeiramente o estudo profundo da ciência cabalística.

Este não é um livro fácil. É o primeiro livro da Cabalá e como todo livro que trata dos mistérios do Universo, necessita de pré-requisitos para ser aprendido. Destaco sete que considero essenciais: equilíbrio emocional, inteligência normal, persistência e determinação, tranquilidade para esperar os resultados, merecimento (que pode ser adquirido pela caridade e reza), e que seja ferramenta de estudo de, no mínimo, duas pessoas, já que, devido aos poderosos efeitos das

meditações, o praticante solitário pode, em dado momento, perder a noção do que é realidade e imaginação.

A correta tradução do título desta obra é “Livro da Formação”, mas foi mantido o título da edição americana por razões meramente contratuais. Não obstante, o título “Livro da Criação” não está totalmente errado porque o propósito final do *Sêfer Ietsirá* é realmente revelar os princípios básicos da Criação do Universo.

Como estudioso do *Sêfer Ietsirá*, comprovei seu poder no campo material, e sei, na prática, que todo o conteúdo deste livro é totalmente realizável. Por isso, recomendo enfaticamente que os pré-requisitos acima mencionados sejam obedecidos para que os resultados manifestem-se de forma harmônica.

Esta tradução não foi uma obra solitária. Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos à Flavia, minha eterna companheira, aos ouvidos atenciosos de Rodolfo Grandi, Henrique Rodrigues, Pedro Renda Júnior, Cesar de Mendes e Luiz F. Branco.

Especialmente, agradeço o privilégio de ter sido convidado pelo professor Jairo Fridlin para traduzir esta obra única.

E, acima de tudo, obrigado, meu Deus.

Erwin Von-Rommel Vianna Pamplona

NOTA DO EDITOR SOBRE A TRANSLITERAÇÃO

As regras de transliteração adotadas e aplicadas há anos pela Editora Sêfer visam, antes de mais nada, facilitar ao máximo a leitura das palavras hebraicas. Portanto, este sistema não diferencia graficamente determinadas letras, como *Chaf* (כ) e *Chet* (ח), que tem som de **rr** como em **carro**, e utiliza sempre o **CH** para designá-las.

O mesmo ocorre com as letras *Caf* (כ) e *Cof* (ou *Cuf*, פ), que tem som de **C** como em **carro**, e utiliza o **C** para designá-las, exceto na frente das vogais E e I, quando só então utiliza o **K**, resultando assim **Ke** e **Ki**.

O **H** designa a letra *Hê* (ה), que tem som aspirado com em “half” em inglês. No final das palavras, o som da *Hê* é mudo e, portanto, não foi transcrito, exceto na palavra *Yah*.

O **R** designa a letra *Resh* (ר), que tem som de **r** aberto como em **carro**, tanto no início como no meio ou no fim de uma palavra.

Estas regrinhas foram aplicadas também neste trabalho, de forma geral. Mas como surgiram questões que exigiam uma diferenciação gráfica de algumas letras com som similar, fomos obrigados a abrir algumas exceções onde isto era indispensável graficamente. Assim, às vezes **Q** ou **K** aparecem representando a letra *Cof* (פ), e **Y** (ao invés de **I**) representando a consoante *Yod* (י). Ficou insolúvel a diferenciação gráfica entre *Sámech* (ס) e *Sin* (ש), *Têt* (ט) e *Tav* (ת).

Aos leitores que realmente tencionam entender este livro, sugiro algumas lições de hebraico, principalmente noções básicas de leitura. A leitura deste livro será completamente diferente.

Por fim, deixo registrada minha admiração e gratidão pelo trabalho realizado pelo tradutor, sr. Erwin V. R. V. Pamplona, por sua dedicação e arrojo, dignos de um verdadeiro “iniciado”, e isento-o de qualquer responsabilidade quanto à aplicação deste sistema nesta obra.

INTRODUÇÃO

O *Sêfer Ietsirá* é, sem dúvida, o mais antigo e mais misterioso de todos os textos cabalísticos. Os primeiros comentários sobre este livro foram escritos no século X, e o texto em si é citado como do século VI. Referências ao trabalho aparecem já no século I, enquanto a tradição considera sua existência desde os tempos bíblicos. Este livro é tão antigo que sua origem não é acessível aos historiadores. Somos totalmente dependentes da tradição com respeito a sua autoria.

Igualmente misterioso é o sentido deste livro. Se o autor pretendeu ser obscuro, ele foi eminentemente bem-sucedido. É unicamente através da mais cuidadosa análise de cada palavra e seu paralelismo na literatura bíblica e talmúdica que seu halo de obscuridade começa a ser penetrado.

Há muitas interpretações do *Sêfer Ietsirá*. Seus primeiros comentadores experimentaram interpretá-lo como um tratado filosófico, mas seus esforços lançaram mais luz sobre seus próprios sistemas que sobre o texto. O mesmo é dito dos esforços para encaixá-lo no sistema do *Zohar* ou dos cabalistas posteriores. Esforços para vê-lo como um livro de gramática ou fonética são, todavia, mais discutíveis.

Em geral, a Cabalá se divide em três categorias: teórica, meditativa e mágica.¹ A Cabalá teórica, que em sua presente forma, é baseada fundamentalmente no *Zohar*, trata principalmente da dinâmica do domínio espiritual, especialmente os mundos das Sefirot, almas e anjos. Este ramo da Cabalá alcançou seu zênite nos escritos da Escola de Safed, no século XVI. Inclui-se nessa categoria a grande maioria dos textos publicados.

A Cabalá meditativa trata do uso de nomes Divinos, permutações de letras e métodos similares para alcançar estados superiores de consciência. Assim entendido, compreende um tipo de ioga. Muitos dos principais textos nunca foram publicados, porém permanecem espalhados em manuscritos nas grandes bibliotecas e museus. Alguns de seus métodos experimentaram um breve renascimento em meados de 1700 com o surgimento do movimento chassídico, mas meio século depois eles já haviam sido esquecidos em grande parte.

A terceira categoria da Cabalá — a mágica — está intimamente relacionada à meditativa. Ela consiste em diversos sinais, encantamentos e nomes Divinos através dos quais se poderá influenciar ou alterar os eventos naturais. Muitas de suas técnicas são intimamente parecidas com os métodos meditativos e seu êxito pode depender de sua habilidade para induzir a estados mentais onde os poderes telecinético e espiritual podem ser canalizados efetivamente. Assim como a segunda categoria, os mais importantes textos nunca foram impressos, ainda que alguns fragmentos tenham sido publicados. O livro *Raziel* é um exemplo.

Um estudo cuidadoso indica que o *Sêfer Ietsirá* é um texto meditativo com fortes insinuações mágicas. Esta posição é apoiada pelas mais antigas tradições talmúdicas, as quais indicam que ele poderia ser usado para criar seres vivos. Especialmente significativos são os muitos testemunhos e lendas nos quais o *Sêfer Ietsirá* é usado para criar um Golem, um tipo de andróide místico.

Os métodos do *Sêfer Ietsirá* parecem envolver meditação; e é muito provável que tenha sido originalmente escrito como um manual de meditação. Um dos maiores filósofos do século XII estabeleceu que o livro não contém Filosofia, mas sim mistérios Divinos.² Isso se torna claro no comentário de um dos maiores cabalistas, Isaac o Cego (1160-1236), que enfatiza os aspectos meditativos do texto.

Isto é particularmente evidente em um manuscrito muito antigo do *Sêfer Ietsirá* que data do século X ou antes. O colofão introdutório afirma: “Este é o livro das Letras de Abraham, nosso pai, e se chama *Sêfer Ietsirá*, e quando alguém olha (*Tsofe*) nele, não há limites para sua sabedoria”.³ É oportuno dizer que a palavra hebraica “*Tsofe*” não denota um mero olhar físico, mas sim um *insight* místico-meditativo. Portanto, esta muito antiga fonte apoiaria a posição de que o *Sêfer Ietsirá* foi destinado a ser usado como um texto meditativo (conforme se lerá no parágrafo 1:6).

Os comentários que tratam o *Sêfer Ietsirá* como um texto teórico leem a maior parte dele em terceira pessoa: “Ele combinou”, “Ele formou” e assim por diante. De acordo com esta leitura, o texto está se referindo à criação realizada por Deus. Em muitos casos, entretanto, a forma gramatical se parece muito mais com o imperativo.⁴ O autor está dizendo ao leitor que “combine” e “forme” como se ele estivesse realmente dando instruções. Em muitos outros casos, o texto é instrutivo e sem ambiguidade, como em passagens quando diz: “se teu coração corre, volta ao lugar”, ou “entende com sabedoria e sê sábio com entendimento”. Em vez de ter o texto oscilando entre a terceira pessoa e o imperativo, seria mais lógico lê-lo todo no imperativo. O *Sêfer Ietsirá* torna-se, assim, um manual de instrução para um tipo muito especial de meditação. Por deferência à maioria dos comentários, temo-nos absterido de traduzi-lo no imperativo, mas as implicações de tal leitura é discutida no comentário.

No *Sêfer Ietsirá* temos então o que parece ser um manual de instruções que descreve certos exercícios meditativos. Existe alguma evidência de que estes exercícios pretendiam fortalecer a concentração do iniciado, e eram particularmente efetivos no desenvolvimento de poderes telecinéticos e telepáticos. Com estes poderes, alguém seria capaz de realizar façanhas que, de fora, pareceriam mágicas. Tudo isto se apoia em referências talmúdicas que parecem comparar o uso do *Sêfer Ietsirá* a um tipo de magia branca.⁵ No século XIII, um importante comentador escreve que, aos estudantes do *Sêfer Ietsirá*, era dado um manuscrito do livro *Raziel*, um texto mágico que contém selos, figuras mágicas, nomes Divinos e encantamentos.⁶

AUTORIA

A mais antiga fonte a que o *Sêfer Ietsirá* é atribuído refere-se ao Patriarca Abraham. Já próximo do século X, Saadia Gaon afirma que “os antigos dizem que Abraham o escreveu.”¹⁴ Esta opinião é apoiada por quase todos os primeiros comentadores.¹⁵ Textos cabalísticos antigos, como o *Zohar* e *Raziel*, também atribuem o *Sêfer Ietsirá* a Abraham.¹⁶ Igualmente, alguns manuscritos muito antigos do *Sêfer Ietsirá* começam com um colofão que o titula “As Letras de Abraham, nosso Pai, que é chamado Sêfer Ietsirá”.¹⁷

Isto não significa, entretanto, que todo o livro em sua forma atual tenha sido escrito por Abraham. Como Saadia Gaon declarou, os princípios do *Sêfer Ietsirá* foram, em primeiro lugar, ensinados por Abraham, mas, de fato, não se reuniram em um livro senão muito depois.¹⁸ Outra autoridade faz notar que ele realmente não poderia ter sido escrito por Abraham, pois, se assim fosse, certamente teria sido incorporado à *Bíblia*, ou ao menos mencionado nas Escrituras.¹⁹ Igualmente, quando o *Zohar* fala dos livros anteriores à *Torá*, não inclui o *Sêfer Ietsirá* entre eles.²⁰

A atribuição a Abraham se apoia na estrofe final do *Sêfer Ietsirá*: “Quando Abraham... olhou e investigou... teve êxito na criação...” Esta passagem sugere claramente que Abraham fez efetivamente uso dos métodos propostos no texto.

Em muitas edições do *Sêfer Ietsirá* propõe-se como evidência bíblica o seguinte versículo: “Abraham foi como Deus lhe havia dito, e Abraham tomou... as almas que eles haviam feito em Haran” (Gênesis 12:5). De acordo com alguns comentários, isto indica que Abraham usou, de fato, os poderes do *Sêfer Ietsirá* para criar pessoas.²¹ Este seria o exemplo mais antigo do uso do *Sêfer Ietsirá* para se criar um Golem. De acordo com isso, Abraham teria aprendido como usar os mistérios do *Sêfer Ietsirá* antes que Deus lhe mandasse abandonar Haran.²²

Outras autoridades, entretanto, dizem que “fazer almas” se refere a convertê-las à crença em um Deus único e verdadeiro; esta é também a opinião do *Zohar*.²³ Alguns comentários tentam reconciliar ambos pontos de vista e explicam que, com os milagres realizados mediante o *Sêfer Ietsirá*, Abraham pôde convencer pessoas do poder de Deus, convertendo-as à verdadeira fé.²⁴

A Escritura declara: “as almas que eles haviam feito”, no plural. Isto indicaria que Abraham não estava só em seu uso do *Sêfer Ietsirá*, mas que tinha um companheiro. Um *Midrash* afirma que, se Abraham houvesse se engajado nos segredos da criação sozinho, teria ido demasiado longe na emulação de seu Criador; assim, ele trabalhou juntamente com Shem, o filho de Noé.²⁵ As fontes antigas identificam Shem a Melquisedec, que abençoou Abraham e lhe ensinou muitas das tradições primitivas.²⁶

Os mistérios mais importantes do *Sêfer Ietsirá* são os relativos ao significado interno das letras do alfabeto hebraico. Aqui também descobrimos que Abraham era um mestre nesses mistérios. Um *Midrash* nos diz que “as letras não foram dadas a nenhum outro senão Abraham.”²⁷ Como veremos no comentário (1:3),

a organização dos animais, quando Abraham fez sua aliança com Deus, também parece estar baseada nos mistérios do *Sêfer Ietsirá*.

Mais argumentos que vinculam o *Sêfer Ietsirá* a Abraham encontram-se no ensinamento talmúdico de que “Abraham tinha muita astrologia em seu coração, e todos os reis do leste e do oeste se apresentaram à sua porta.”²⁸ O *Sêfer Ietsirá* é um dos primeiros e mais antigos textos astrológicos e é possível que incorporasse os ensinamentos astrológicos de Abraham. O fato de esta astrologia estar “em seu coração” também poderia significar que envolveria várias técnicas meditativas, como era em verdade o caso com a astrologia antiga, e isto também é sugerido pelo *Sêfer Ietsirá*. Há evidências de que esses mistérios foram transmitidos a Abraham por Shem, junto com o mistério do calendário (*Sod Ha-Ibur*).²⁹ Quando Deus se revelou a Abraham, uma das primeiras coisas que Deus falou para ele foi para não ser excessivamente dependente das predições astrológicas.³⁰

Abraham era também plenamente consciente dos usos mágicos e idólatras que podiam desenvolver-se a partir destes mistérios. O *Talmud* nos diz que Abraham tinha um tratado sobre idolatria que constava de 400 capítulos.³¹ Há também um ensinamento talmúdico que afirma que Abraham ensinou os mistérios sobre os “nomes impuros” aos filhos de suas concubinas.³² Isto se baseia no versículo “aos filhos das concubinas, Abraham deu presentes, e os mandou embora para as terras do leste” (Gênesis 25:6). Estes presentes consistiram em mistérios ocultos, que se estenderam então pela Ásia Oriental.

A atribuição a Abraham dos mistérios do *Sêfer Ietsirá* colocaria sua origem no século XVIII antes da era comum. Isto não surpreende muito porque textos místicos, como as escrituras védicas, datam desse período, e há razão para crer que a tradição mística estava mais avançada no Oriente Médio do que na Índia naquela época. Sendo Abraham o maior místico e astrólogo de sua época, é natural assumir que ele estava familiarizado com os mistérios do antigo Egito e da Mesopotâmia. Afinal, Abraham nasceu lá e também viveu no Egito.

O segundo lugar onde aparece o uso do *Sêfer Ietsirá* é em uma tradição sobre os filhos mais velhos de Jacob, que afirma que eles o usaram para criar animais e donzelas.³³ Quando a Escritura diz que “José levou uma má notícia (a respeito de seus irmãos) a seu pai” (Gênesis 37:2), está se referindo a isso. Os irmãos de José haviam comido um animal sem matá-lo adequadamente e José não sabia que o animal havia sido criado mediante o *Sêfer Ietsirá* e, portanto, não necessitava tal morte. Reportou então que seus irmãos haviam comido “carne de um animal vivo”.

Os mistérios do *Sêfer Ietsirá* foram usados novamente após o Êxodo quando os israelitas estavam construindo o Tabernáculo no deserto. O *Talmud* diz que Betzalel foi escolhido para construir este Tabernáculo porque ele “sabia como permutar as letras com as quais o céu e a terra foram criados”.³⁴ Tal conhecimento

esotérico era necessário, visto que se pretendia que o Tabernáculo fosse um microcosmo, traçando um paralelo simultâneo com o Universo, o domínio espiritual e o corpo humano.³⁵ Não era suficiente a mera construção de um edifício físico. Na construção, o arquiteto tinha de meditar no significado de cada parte e imbuí-las com as propriedades espirituais necessárias.

O *Talmud* deriva tudo isto do versículo onde Deus diz: “Eu chamei por seu nome, a Betzalel... e o enchi com o espírito de Deus, com sabedoria, entendimento e conhecimento” (Êxodo 31:2-3). “Sabedoria, Entendimento e Conhecimento” (*Chochmá, Biná e Daát*) referem-se a estados de consciência que discutiremos extensamente. Tais estados de consciência são obtidos mediante a manipulação das letras.

As fontes silenciam acerca do *Sêfer Ietsirá* até o tempo do profeta Jeremias. Aqui novamente encontramos a tradição de que Jeremias queria fazer uso do *Sêfer Ietsirá*, mas, como no caso de Abraham, foi advertido a não fazê-lo sozinho. Tomou então a seu filho, Ben Sirá, e os dois, juntos, exploraram os mistérios.³⁶ Mediante seus esforços, chegaram a criar um Golem, mas não o preservaram.

É possível que tenha havido mais de uma pessoa com o nome Ben Sirá, mas o desta tradição era claramente o filho de Jeremias. Há uma tradição curiosa a respeito de seu nascimento. Jeremias havia sido abordado por homossexuais na casa de banhos e, como consequência, havia experimentado uma ejaculação na banheira. Seu sêmen permaneceu sendo viável e, quando sua filha usou depois a mesma banheira, foi fecundada por ele, dando à luz a Ben Sirá.³⁷ Ben Sirá era, portanto, o filho de Jeremias e de sua filha.

Algumas fontes dizem que seu nome original era Ben Zéra (Filho do Sêmen), mas quando este nome tornou-se embaraçoso, mudou-o para Ben Sirá.³⁸ Devido à natureza delicada de seu nascimento, ele não chamou a si mesmo “filho de Jeremias”. Existe entretanto uma alusão em seu nome, pois Sirá (סירא) e Jeremias (ירמיה) têm ambos o valor numérico de 271. Autoridades posteriores usaram este incidente como prova de que a inseminação artificial não constitui adultério ou incesto.³⁹

Estas tradições são de particular interesse, pois existem muitos indícios de que Jeremias ensinou estes mistérios a um certo Iossef, filho de Uziel, filho de Ben Sirá.⁴⁰ Existe também ao menos uma fonte que estabelece que Ben Sirá realmente ensinou o *Sêfer Ietsirá* a Iossef ben Uziel.⁴¹ O que é mais interessante é que existem indícios de que este mesmo Iossef ben Uziel possa ter escrito um comentário sobre o *Sêfer Ietsirá*, ou inclusive uma das primeiras versões do texto em si.⁴²

Isto é importante porque situaria a primeira versão do *Sêfer Ietsirá* nos primeiros anos do Segundo Templo. Esta foi também a época da Grande Assembleia, que pôs por escrito alguns dos últimos livros da Bíblia, como Ezequiel, por exemplo, encerrando assim o Cânon Bíblico.⁴³ Grande parte do serviço de oração regular hebraico foi também composto por esta Assembleia.⁴⁴ Como essas orações, o *Sêfer Ietsirá* ainda não havia sido escrito, mas apenas ensinado de memória.

O PERÍODO TALMÚDICO

No período talmúdico acontece a transição da tradição para a história. Encontra-se no *Talmud* uma menção real do *Sêfer Ietsirá* e, embora não seja absolutamente certo que seja idêntica à nossa versão, tampouco existem verdadeiras razões para duvidar que ambos os textos sejam os únicos e os mesmos. Na época talmúdica, o *Sêfer Ietsirá* começou como um ensinamento oral e, com o tempo, foi colocado em forma de livro e usado pelos sábios.

A primeira referência de tal uso implica a Rabi Iehoshua (ben Chanania), um sábio líder do primeiro século. Atribui-se a ele a afirmação: “Posso pegar sucos e abóboras e, com o *Sêfer Ietsirá*, convertê-los em belas árvores. Elas, por sua vez, produzirão outras belas árvores”.⁴⁵ Ainda que a frase “com o *Sêfer Ietsirá*” não apareça nas edições impressas do *Talmud* de Jerusalém, esta se encontra em manuscritos.

A referência a Rabi Iehoshua é muito significativa. Ele foi um dos cinco principais discípulos de Raban Iochanan ben Zacai (47 a.e.c. - 73 d.e.c), líder de todos os judeus depois da destruição do Templo e reconhecido conhecedor em todas as artes ocultas.⁴⁶ Rabi Iehoshua foi o principal discípulo de Raban Iochanan nos mistérios da “Mercabá” (Carruagem) e este último alcançou a fama de ser o maior conhecedor de seu tempo no oculto.⁴⁷

Isto também lança luz sobre outra personalidade mística importante. Segundo outra fonte antiga, Rabi Iehoshua também recebeu a tradição de Rabi Nechunia ben HaCaná, líder da escola que produziu o *Bahir*. No *Sêfer Há-Taguin* encontramos que a tradição a respeito do significado místico das coroas (*Taguin*) sobre as letras hebraicas foi transmitida da seguinte maneira: “Menachem passou a Rabi Nechunia ben HaCaná, Rabi Nechunia ben HaCaná deu-a a Rabi Elazar ben Arach, Rabi Elazar ben Arach transmitiu-a a Rabi Iehoshua que, por sua vez, passou-a para Rabi Akiva”.⁴⁸

Rabi Elazar ben Arach é mais conhecido como o maior discípulo de Raban Iochanan ben Zacai.⁴⁹ Sabe-se também que aprendeu os mistérios da “Mercabá” de Raban Iochanan.⁵⁰ Vemos da tradição anterior que também aprendeu de Rabi Nechunia, possivelmente depois de deixar Raban Iochanan. O *Talmud* relata que Rabi Elazar foi viver junto ao rio Dismas, na cidade de Emaús.⁵¹ Sabe-se também que Emaús era o lugar de Rabi Nechunia e um centro geral de ensinamentos cabalísticos.⁵² É muito provável que Rabi Elazar tenha se envolvido tanto com o misticismo que, como o *Talmud* reporta, perdeu sua compreensão em matérias legais.

Também é significativo o fato de Rabi Nechunia ter recebido a tradição de Menachem. Sabe-se que Rabi Nechunia era o principal místico do século I, assim como colega de Raban Iochanan ben Zacai.⁵³ Não se tem dados, entretanto, sobre quem foram seus mestres. Do *Sefer HaTaguin* aprendemos que Rabi Nechunia aprendeu ao menos alguns dos mistérios de Menachem, que serviu como vice-presidente do *San’hedrin* (Corte Suprema) sob o mandato

de Hilel. Quando Menachem demitiu-se de seu cargo, Shamai foi designado em seu lugar.⁵⁴

A maioria das autoridades identificam este indivíduo como Menachem, o Essênio, citado por Josefo.⁵⁵ Em certa ocasião, Menachem viu Herodes ainda criança e profetizou que ele chegaria a ser Rei. Por causa disso, quando Herodes ascendeu ao trono, honrou a Menachem e aos demais essênios. Devido a seu relacionamento com Herodes, Menachem não pôde manter sua posição no San'hedrin.

Se aceitarmos a tradição anterior, Nechunia ben HaCaná poderia ter recebido ao menos algo do conhecimento místico de Menachem, o Essênio, o que indicaria que os essênios eram entendidos nas artes místicas, e que as ensinaram ao menos para alguns dos mestres talmúdicos. Josefo afirma que os essênios faziam uso dos nomes angélicos e que podiam prever o futuro mediante diversas purificações e métodos dos profetas.⁵⁶ O que é mais significativo é que Josefo também identifica os essênios com os pitagóricos.⁵⁷ Devido ao fato de o *Sêfer Ietsirá* aparentemente conter alguns elementos que lembram as técnicas dos pitagóricos, é possível que o texto tenha sido preservado pelos essênios durante o período que precedeu ao *Talmud*.

Rabi Elazar ensinou a tradição relativa às coroas sobre as letras a Rabi Iehoshua que, por sua vez, transmitiu-a a Rabi Akiva (12-132 d.e.c). Rabi Akiva sobressaiu-se nesta área e o *Talmud* assinala que ele podia derivar muitos ensinamentos importantes destas coroas.⁵⁸ Também recebeu a tradição da “Mercabá” de Rabi Iehoshua, assim como outros conhecimentos ocultos importantes.⁵⁹ Não resta dúvida que, em seu tempo, Rabi Akiva foi considerado o maior de todos os conhecedores do domínio místico.⁶⁰ Rabi Shimon bar Iochai, autor do *Zohar*, foi discípulo de Rabi Akiva.

Não é de causar surpresa que algumas fontes atribuam a autoria do *Sêfer Ietsirá* a Rabi Akiva.⁶¹ A maioria dos primeiros textos talmúdicos tiveram sua origem em Rabi Akiva, que os transmitiu oralmente de uma forma bem definida.⁶² Ainda que esses livros não fossem escritos, haviam sido compostos por Rabi Akiva e era a sua redação que era ensinada oralmente.

Naquele tempo, existia a regra de que a tradição oral fosse recapitulada exatamente, palavra por palavra, precisamente como havia sido dada. A norma era: “Alguém deve sempre repassar as palavras precisas de seu mestre.”⁶³ E cada mestre proporcionaria assim um programa de estudo que seus discípulos memorizariam palavra por palavra. No campo legal isto era conhecido como a “Primeira Mishná”.⁶⁴ É possível que Rabi Akiva também tenha produzido um texto oral do *Sêfer Ietsirá* para que seus alunos do conhecimento místico o memorizassem. Além disso, suas notas pessoais podem ter sido guardadas.

Neste respeito, o *Sêfer Ietsirá* não teria sido diferente do resto da tradição oral. Ainda que sua finalidade fosse a de ser transmitida oralmente, não sendo de fato publicada, suas notas pessoais e manuscritos foram guardados.⁶⁵ Isto era especialmente verdadeiro para importantes técnicas de ensinamento que não

eram vistas nas academias, assim como em textos esotéricos.⁶⁶ Do mesmo modo, os chefes das academias haviam escrito anotações para preservar exatamente as tradições.⁶¹

Ainda que tais notas nunca fossem publicadas, eram cuidadosamente preservadas nas academias. Os mestres seguintes frequentemente acrescentavam notas marginais aos manuscritos, e tais notas encontram-se, às vezes, inclusive nos rolos bíblicos que usavam.⁶⁸ Devido ao fato dessas notas serem preservadas por indivíduos privados, e nunca serem distribuídas publicamente, eram conhecidas como “os rolos ocultos” (*Meguilat Setarim*).⁶⁹ Nesta categoria incluía-se não só material esotérico, como o *Sêfer Ietsirá*, como também material legal, como a *Mishná*, cuja transmissão devia ser oral.

Isto pode ajudar a explicar por que o *Sêfer Ietsirá* existe em tantas versões. Diferente da *Mishná*, que com o tempo foi publicada em uma edição bem definida, o *Sêfer Ietsirá* nunca evoluiu para além do estado de ser um “rolo oculto”. Diferentes versões podem ter sido ensinadas por vários mestres e, como o texto nunca foi abertamente publicado, não havia modo de comparar e corrigir essas diferentes versões. Além disso, pode ser que muitas notas marginais foram incorporadas ao texto, produzindo-se diferentes versões, o que explicaria o fato de não existir outro clássico hebraico em tantas variantes e versões como o *Sêfer Ietsirá*.

Parece muito provável que o *Sêfer Ietsirá* existia já em sua forma presente quando a *Mishná* foi redigida no ano 204 e.c. O editor da *Mishná* foi Rabi Iehudá, o Príncipe (135-220), chamado simplesmente de “Rabi”. É certamente possível que exista uma referência concreta ao *Sêfer Ietsirá* na *Mishná*. Em um dos poucos lugares onde se discute o conhecimento esotérico, a *Mishná* afirma: “Os mistérios da Criação (*Maasse Bereshit*) não podem ser expostos na presença de dois discípulos, e os mistérios da Mercabá (*Maasse Mercabá*) não podem ser expostos inclusive na presença de apenas um, a menos que seja sábio e compreenda seu conhecimento”.⁷⁰

O termo “*Maasse Mercabá*” refere-se aos métodos meditativos empregados para ascender aos domínios espirituais superiores.⁷¹ Ainda que filósofos posteriores, tais como Maimônides, sustentassem que isto envolvia especulação filosófica, as mais antigas fontes claramente estabelecem que “*Maasse Mercabá*” tratava de métodos meditativos usados para a ascensão espiritual.⁷² Como tal, este foi considerado o mais esotérico de todos os exercícios espirituais.

De acordo com muitas autoridades, “*Maasse Bereshit*” refere-se aos mistérios do *Sêfer Ietsirá*.⁷³ Como sabemos que “*Maasse Mercabá*” era de natureza mística, é lógico supor que o mesmo era verdadeiro para “*Maasse Bereshit*”. Além disso, a suposição de que “*Maasse Bereshit*” incluía o *Sêfer Ietsira* esclarece também um bom número de referências talmúdicas de outra maneira obscuras. Existe também evidência de que Rabi estava familiarizado com os mistérios da Mercabá, e é lógico supor que conhecia o *Sêfer Ietsirá*.⁷⁴

Assim, uma geração depois, tem-se o relato de dois discípulos de Rabi claramente envolvidos nos mistérios do *Sêfer Ietsirá*. O *Talmud* diz que “Rabi

Chanina e Rabi Hoshia dedicavam-se ao *Sêfer Ietsirá* toda sexta-feira, antes do Shabat, e criavam para si um novilho,⁷⁵ e o comiam”.⁷⁶ Uma outra versão deste mesmo relato diz que se ocupavam de “Hilchot Ietsirá” (Leis da Criação) em vez de *Sêfer Ietsirá*.⁷⁷ O termo *Hilchot* pode, entretanto, aplicar-se tanto a regras filosóficas como legais.⁷⁸ De fato, em alguns manuscritos mais antigos, o *Sêfer Ietsirá* realmente é intitulado de “Hilchot Ietsirá”.⁷⁹

Existem muitas interpretações sobre o que exatamente os dois sábios conseguiam criando tal novilho e por que o faziam. Alguns dizem que não criavam de fato um novilho físico, mas sim uma imagem meditativa com tal clareza que a satisfação espiritual era similar à da comida.⁸⁰ Um cabalista do quilate de Abraham Abulafia (1240-1296) sustenta inclusive que sua criação era mística, e não física.⁸¹ O Rashba (Rabino Shelomo ben Aderet, 1235-1310) viu um significado particular no fato de eles se ocuparem daquilo na sexta-feira, o dia da criação original dos mamíferos.⁸² Toda esta questão será discutida depois em nosso comentário.

Evidentemente, Rabi também ensinou os mistérios a seu discípulo Rav (Aba Arichta), que por sua vez os ensinou a Rabi Iehudá (220-299 e.c.), fundador e primeiro mestre da academia babilônica em Pumpedita. Rabi Iehudá, junto com Rabi Aina, eram chamados de “Anciões de Pumpedita”.⁸³ O *Talmud* relata que os “Anciões de Pumpedita” estavam versados (*Tanu*) em (Maasse Bereshit).⁸⁴ O uso da palavra *Tanu* evidencia que Maasse Bereshit já existia em uma forma definida, muito provavelmente como um livro escrito.⁸⁵ Isto sugere que o *Sêfer Ietsirá* já estava escrito.

Existe também outra evidência de que Rabi Iehudá aprendeu os mistérios do *Sêfer Ietsirá* de Rav. O ensinamento de que “Betsalel sabia permutar as letras com as quais o céu e a terra foram criados” é atribuído a “Rabi Iehudá em nome de Rav”.⁸⁶ Também é atribuído a ele a afirmação de que Deus revelou a Abraham que “saísse de sua astrologia”,⁸⁷ o que indica que ele tinha alguma evidência de que Abraham era versado em astrologia, uma posição que se encontra claramente no *Sêfer Ietsirá*. Existem provas também que Rabi Iehudá aprendeu de Rav os mistérios do Nome de 42 letras.⁸⁸

Na qualidade de iniciado nos mistérios do *Sêfer Ietsirá*, Rabi Iehudá havia tido também um profundo entendimento do significado místico da língua hebraica. Descobrimos assim que ele enfatizou o uso da língua hebraica, inclusive na conversação cotidiana.⁸⁹ Rabi Iehudá defendia também que a oração devia ser realizada em hebraico e não no aramaico vernacular.⁹⁰

O *Talmud* relata que Rabi Iossef conhecia os mistérios da Mercabá, enquanto os “Anciões de Pumpedita” eram versados nos mistérios da Criação. Rabi Iossef conseguiu que os anciões lhe ensinassem os mistérios da Criação mas não lhes confiou os mistérios da Mercabá.

Isto indica que os mistérios da Mercabá e do *Sêfer Ietsirá* eram ensinados por escolas diferentes, e que os membros de uma escola não conheciam os ensinamentos da outra. As duas envolviam-se em diferentes disciplinas e tinha-se

o cuidado de mantê-las separadas. Isto também responde à pergunta do porquê o *Sêfer Ietsirá* nunca ser mencionado nos “Hechalot” (Palácios), o clássico da literatura da Mercabá.⁹² A literatura da Mercabá desenvolveu-se em uma escola que pode não ter tido acesso ao *Sêfer Ietsirá*, ainda que alguns de seus membros possam definitivamente ter sido versados nele. No mesmo contexto, o *Sêfer Ietsirá* é mencionado poucas vezes no *Zohar*, mas jamais no texto principal.⁹³

Naquele período, houve alguns sábios que evitaram por completo tais mistérios. Um deles foi Rabi Elazar ben Padat, que chefiou a academia de Tibérias após a morte do Raban Iochanan no ano 279 e.c. Quando Raban Iochanan se ofereceu para ensinar-lhe os mistérios da Mercabá, ele declinou sob o argumento de que era muito jovem. Depois da morte de Raban Iochanan, quando Rav Assi quis compartilhar estes mistérios, ele novamente declinou, dizendo: “Se eu fosse digno, teria aprendido-os de Raban Iochanan, teu mestre”.⁹⁴

Em vez disso, Rabi Elazar adotou uma postura um tanto quanto oposta à das escolas esotéricas, aceitando o ponto de vista de Rabi Iossi ben Zimra. Negando que com o *Sêfer Ietsirá* pudesse realmente criar-se outra vida, disse em nome de Rabi Iossi: “Se todas as pessoas no mundo se reunissem, não poderiam criar um único mosquito e imbuí-lo com uma alma”.⁹⁵ Não que Rabi Elazar duvidasse da existência de tais poderes, mas acreditava que eles não eram mais conhecidos. Estes poderes, entretanto, existiam na *Torá*. Assim, Rabi Elazar disse: “Os parágrafos da *Torá* não estão em ordem. Se estivessem em ordem (correta), qualquer um que os lesse seria capaz de (criar um mundo,) ressuscitar os mortos e realizar milagres”.⁹⁶

Uma geração mais tarde encontramos dois importantes sábios ativamente engajados nos mistérios do *Sêfer Ietsirá*. O primeiro foi Rava (299-353 e.c.), fundador e primeiro mestre da academia babilônica de Mechuza. A ele é atribuído o dito: “Se os justos quisessem, poderiam criar um mundo”.⁹⁷ Seu companheiro foi Rav Zeira, conhecido como o “Santo da Babilônia”.⁹⁸ Tão grandes eram seus poderes meditativos que podia meter os pés no fogo sem queimar-se. Ele testava a si mesmo a cada mês para ver se seus poderes haviam diminuído. Em certa ocasião, foi distraído pelos demais sábios, de modo que falhou; a partir de então passou a ser chamado de “o pequeno homem dos pés queimados”.⁹⁹

Uma tradição antiga afirma que Rava e Rav Zeira trabalharam juntos durante três anos meditando no *Sêfer Ietsirá*. Quando por fim o dominaram, criaram um bezerro e o abateram, servindo-o em uma festa para celebrar sua realização. Eles então perderam seus poderes e tiveram que trabalhar por outros três anos para restaurá-los.¹⁰⁰

O *Talmud* diz que “Rava criou um homem” e o enviou a Rav Zeira. Quando este viu que o andróide não poderia responder às suas perguntas, ele percebeu que era um Golem e disse: “retorne ao pó”.¹⁰¹ O *Bahir* assinala que o Golem não podia falar porque Rava não estava completamente livre da corrupção e do pecado, e quanto mais o homem peca, não pode participar dos poderes do Criador.¹⁰² Somente Deus pode fazer um homem que pode falar. Esta é a

primeira menção da criação de um Golem na literatura hebraica, mas vários outros exemplos são relatados na Idade Média.¹⁰³

Até a expressão “Rav criou um homem” possui conotações místicas. No original se lê RaBA BaRA GaBRA (רַבָּא בְּרָא גַבְרָא) e, como um cabalista antigo faz notar, a segunda palavra não é outra que o inverso da primeira.¹⁰⁴ A terceira palavra acrescenta um Guimel, a terceira letra do alfabeto, para a palavra que a antecede. Isto produz uma frase de dez letras com valor numérico de 612, um menos que 613, o número de ossos e vasos sanguíneos do corpo humano.¹⁰⁵ O homem criado por Rava era, assim, algo menos que humano. Em muitos aspectos, esta expressão é recordação da palavra Abracadabra (ABRA CADaBRA - אַבְרָכָדָבְרָא), que significa literalmente “eu criarei como falo”.¹⁰⁶

Durante o período talmúdico houve muitos sábios que se engajaram nesses mistérios.¹⁰⁷ Com o fim desta era, entretanto, uma cortina de silêncio ergueu-se sobre todas as atividades ocultas. Parece que um número de livros místicos foi escrito durante o período gaônico que se seguiu, mas sua origem está envolta em mistério. Contudo, o conhecimento dessas práticas existiu claramente até o século X, e Hai Gaon (939-1038) fala de pessoas envolvidas na permutação (*Tseruf*) mística das letras.¹⁰⁸

TEXTOS E COMENTÁRIOS

Não é apenas no período pós-talmúdico que encontramos citações concretas do *Sêfer Ietsirá*. Uma das primeiras referências encontra-se em um poema do Rabino Elazar Kalir, que viveu provavelmente no quinto ou sexto séculos. Ele escreve:¹⁰⁹

*Então, desde a eternidade, com dez ditos tiraste
Com escriba, escrita e pergaminho — Dez,
Tu acabaste em seis direções,
Dez palavras.*

Existem também alusões aos ensinamentos do *Sêfer Ietsirá* na Baraita de Shemuel HaCatan, o qual, de acordo com evidência interna, foi escrito aproximadamente em 776 e.c.¹¹⁰ Existe também uma menção das “Dez Sefirot do Nada” em um *Midrash* tardio que pode ter sido redigido perto desta época.¹¹¹

A ausência de qualquer referência inequívoca ao *Sêfer Ietsirá* na literatura anterior tem levado alguns historiadores a especular se as citações talmúdicas se referem ou não ao nosso texto. Alguns sustentam que a nossa versão foi escrita muito depois do *Talmud*. Uma lista de tais estimativas é dada na **Tabela 1**.

Tabela 1. Opiniões históricas sobre quando foi escrito o *Sêfer Ietsirá*

Antes de 100 a.e.c.	Lazarus Goldsmidt, <i>Das Buch der Schöpfung</i> , Frankfurt, 1894, p. 12. Israel Weinstock, <i>Temirin I</i> , Jerusalem, 1972, p. 21. (para as primeiras partes).
100 a.e.c - 100 e.c.	Adolphe Franck, <i>Die Kabbalah</i> , Leipzig, 1844, p. 65. Israel Weinstock, <i>loc. cit.</i> (para o segundo nível).
1-100 e.c.	Adolph Jellinek, Introdução a <i>Die Kabbalah</i> , p. 6-9. Yohann Friedrich von Meyer, <i>Das Buch Yezirah</i> , Leipzig, 1839, p. v. Heinrich Graetz, <i>Gnosticismus</i> , Krotoschin, 1846, p. 102-103.
100-200 e.c.	Isidore Kalisch, <i>Sêfer Ietsirá</i> , New York, 1877, p. 3 David Castelli, <i>Comenti di Donolo</i> , Firenze, 1880, p. 14. Abraham Epstein, <i>Beitrage zur Judischen Alterthumskunde</i> , Viena, 1887, 1:46-49. <i>Idem.</i> , <i>Rescherche sur le Sefer Yecira</i> , <i>Revue des Etudes Juives</i> , 29:75-76 (1894). Gershon Scholem, <i>Ursprung und Anfänge</i> , Berlin, 1962, p. 21, 25 (nota 45). Avraham Meir Habermann, <i>Sinai</i> , 10:141 (1947).
200-400 e.c.	Louis Ginzberg, <i>Jewish Encyclopedia</i> , New York, 1904, 12:605. Gershom Scholem, <i>Encyclopedia Judaica</i> , Berlin, 1932, 9:109.
400-600 e.c.	Leo Baeck, <i>Aus drei Jahrtausende</i> , Berlin, 1938, p. 382.
600-800 e.c.	Hermann L. Strack, <i>Einleitung in Talmud und Midras</i> , Munich, 1921, p. 221. Sh. Morg, <i>Sheva Kefalot</i> , BGD KRPT, <i>Sefer Tur Sinai</i> , Jerusalem, 1960, p. 233-236. Nehemia Aloni, <i>Historische Grammatik</i> , Hali, 1922, p. 92. <i>Idem.</i> , <i>Temirim I</i> , p. 96.
800-900 e.c.	Leopold Zunz, <i>Die Goltensdienlichen Vorträge der Juden</i> , Berlin, 1892, p. 175. Mortiz Steinschneider, <i>Judische Literatur</i> , p. 401. Heinrich Graetz, <i>Geschechte der Juden</i> (1875) 5:297. Ph. Bloch, <i>Mystik und Kabbalah</i> , Trier, 1896, p. 244. Israel Weinstock, <i>loc. cit.</i> (para edições posteriores).

Entretanto, uma análise mais criteriosa revela um número de camadas no texto. As partes mais primitivas do livro parecem ser muito antigas, possivelmente anteriores à era talmúdica.¹¹² Uma quantidade de texto considerável parece ter sido acrescentada depois, possivelmente como um glossário ou comentário. Como fazem notar alguns dos primeiros comentaristas do *Sêfer Ietsirá*, comentários e notas marginais foram ocasionalmente incorporados ao texto.¹¹³ No século X, o Rabino Iaacov ben Nissim escreveu: “pessoas escrevem comentários em hebraico no livro, e alguns tolos vêm e comentam o comentário. Entre eles, a verdade se perde”.¹¹⁴ Isto não nos surpreende: desde os tempos talmúdicos, notas marginais eram muito comuns em pergaminhos bíblicos, embora houvesse bastante conhecimento do texto, para que os comentários não fossem incorporados a ele.

Vários extratos são evidentes no *Sêfer Ietsirá*, alguns aparentemente acrescentados no final do período talmúdico e outros na era gaônica. Deste modo, estimativas críticas a respeito de sua idade dependeriam da parte analisada.

Os primeiros comentários ao *Sêfer Ietsirá* foram escritos no século X. O primeiro foi escrito em 931 por Saadia Gaon, um dos mais importantes líderes religiosos e filósofos de seu tempo. O segundo, Chakamoni, foi escrito pelo Rabino Shabatai Donelo em 946, enquanto o terceiro foi escrito por Donash ibn Tamim uma década depois.¹¹⁵ Em seu conteúdo, todos são mais filosóficos que místicos.

Mais significativa é o fato desses comentários terem sido escritos sobre diferentes versões do *Sêfer Ietsirá*. O comentário de Donash foi escrito sobre a geralmente conhecida Versão Curta. Com pequenas variações, esta versão foi impressa em 1562 na edição de Mântua e é dominante em todas as subseqüentes edições impressas.

O comentário de Shabatai Donelo foi escrito sobre o que é conhecido como Versão Longa. Muitas edições impressas incluem esta Versão Longa como uma espécie de apêndice. Existe também um manuscrito completo desta versão que data do século X. Ainda que existam diferenças importantes na indicação dos valores das letras e planetas, a Versão Longa é muito mais uma Versão Curta com um comentário adicional. Isto é particularmente evidente no sexto capítulo, onde encontramos um comentário sobre a primeira estrofe do livro. Também são significativas algumas recapitulações (ver 4:14, 5:20), que são realmente revisões do texto anterior. A existência de ambas, uma Versão Curta e uma Longa, foi notada já no século XIII por Abraham Abulafia.¹¹⁶

A terceira versão é a de Saadia Gaon, que também aparece em alguns fragmentos de *Gueniza* primitivos. Ela é muito parecida com a Versão Longa, exceto pelo fato das estrofes estarem em ordem completamente diferente. Esta variante, comumente chamada de Versão Saadia, tem sido virtualmente ignorada pelos cabalistas, se bem que, aparentemente, foi usada pelo Rabino Iehudá HaLevi em seu livro *O Cuzari*.

Já no século X, o próprio Saadia Gaon comentou sobre as muitas variantes do *Sêfer Ietsirá*, dizendo: “Não se trata de um livro comum, e muitas pessoas têm sido descuidadas na mudança e transposição do texto”.¹¹⁷ Um século mais tarde, o Rabino Iehudá Barceloni notou também que “existem muitas versões, algumas muito confusas”.¹¹⁸ Em 1562, os impressores da primeira edição de Mântua comentaram que tiveram que revisar muitos manuscritos para encontrar um texto confiável.

Se todas as variações encontradas em manuscritos fossem contadas, teríamos literalmente dezenas de diferentes variações do texto do *Sêfer Ietsirá*. Em nenhum outro texto judaico encontramos tantas versões. Algumas delas podem ter vindo de diferentes escolas, que, por causa do segredo de seus ensinamentos, não tinham comunicação entre si. Aparentemente, diferentes notas marginais e comentários também foram incorporados ao texto. Além do mais, se o texto foi preservado oralmente por um longo tempo, as variações em sua organização podem ter acontecido também.

Além disso, existe outra possibilidade sugerida pelo fato de, em essência, os cabalistas rejeitarem todas as versões mencionadas anteriormente. É sabido que durante o período gaônico (séculos VI a X), os cabalistas restringiram seus ensinamentos a sociedades secretas muito pequenas. Grandes esforços foram empreendidos na manutenção do segredo para que seus ensinamentos não caíssem em mãos impróprias. Como o *Sêfer Ietsirá* é um livro pequeno, isto representava grande perigo. Os chefes dessas escolas podem ter divulgado versões espúrias deliberadamente, para confundir todos aqueles que poderiam ser tentados a penetrar em seus mistérios. Com várias versões em circulação, os não-iniciados não saberiam qual escolher.

Inicialmente, foram os próprios cabalistas que preservaram o texto correto, escondendo-o dos intrusos. Por volta de 1550, o Rabino Moshe Cordovero, líder da Escola de Safed e maior cabalista de seu tempo, examinou minuciosamente dez dos melhores manuscritos disponíveis e escolheu o que mais se adaptava à tradição dos cabalistas.¹¹⁹ Uma geração mais tarde, o texto foi refinado ainda mais pelo Ari (Rabino Yits'chac Luria), um dos maiores cabalistas de todos os tempos. Seu texto, conhecido como “Versão Ari”, foi publicado inúmeras vezes, normalmente como parte de alguma outra coleção. Ela se parece com a Versão Curta em muitos aspectos, mas existem diferenças muito significativas nas suas indicações. Em geral, a Versão Ari é a única que está em concordância com o *Zohar*.

Um número de variações são encontradas nestas versões, e uma edição final do texto foi produzida pelo Gra (Rabino Eliahu, o Gaón de Vilna) no século XVIII.¹²⁰ Esta é conhecida como a Versão Gra-Ari, ou simplesmente como Versão Gra.

Portanto, existem quatro versões importantes do *Sêfer Ietsirá*, que são:

- 1) A Versão Curta
- 2) A Versão Longa
- 3) A Versão Saadia
- 4) A Versão Gra

Como a Versão Gra foi considerada a mais autêntica pelos cabalistas, esta é a que nós escolhemos para a tradução inicial e comentários. As outras três versões são apresentadas no Apêndice I.

Mais de 80 comentários foram escritos sobre o *Sêfer Ietsirá*. Alguns, especialmente os mais antigos, foram basicamente filosóficos. Com a emergência da Cabalá como ensinamento público, um número de comentários místicos e cabalísticos foi também escrito. Quando o *Bahir* e o *Zohar* foram publicados, os comentaristas trabalharam para encaixar o *Sêfer Ietsirá* no sistema de ambos os textos. O mesmo é verdadeiro para os ensinamentos do Ari, que domina sobre os comentários posteriores. A história dos comentários sobre o *Sêfer Ietsirá* ensina tanto quanto a história da Cabalá em geral. Uma lista dos principais comentários consta na Bibliografia.

Nosso comentário sobre o *Sêfer Ietsirá* leva em consideração a maioria deles, assim como nossas outras pesquisas sobre os métodos dos cabalistas, muitas das quais publicadas em meu livro *Meditation and Kabbalah*. Ainda que várias aproximações teóricas sejam importantes, concentrei-me principalmente nas técnicas místicas resumidas no *Sêfer Ietsirá*, assim como nos métodos meditativos que implicam.

Aryeh Kaplan
3 de Kislev de 5737

1:1

בשלשים ושתים נתיבות פליאות חכמה
 חקק יה יהוה צבאות אלהי ישראל אלהים חיים
 ומלך עולם אל שדי אל רחום וחנן רם ונשא
 שוכן עד וקדוש שמו מרום וקדוש הוא
 וברא את עולמו בשלשה ספרים בספר וספר וספור.

Com 32 caminhos místicos de Sabedoria

gravou Yah

o Senhor dos Exércitos

o Deus de Israel

o Deus vivo

Rei do Universo

El Shadai

Clemente e Misericordioso

Elevado e Exaltado

que mora na Eternidade

cujo nome é Sagrado -

Ele é sublime e sagrado -

E criou Seu universo

com três livros (Sefarim)

com texto (Sefer)

com número (Sefar)

e com comunicação (Sipur).

Com 32

Conforme será explicado na estrofe seguinte, estes 32 caminhos manifestam-se como os 10 dígitos e as 22 letras do alfabeto hebraico. Os 10 dígitos manifestam-se também nas Dez *Sefirot*, que são os conceitos básicos da existência.

As letras e os dígitos são a base dos ingredientes mais elementares da Criação: a qualidade e a quantidade.¹ A qualidade de qualquer coisa pode ser descrita por palavras formadas por letras, enquanto todas as quantidades associadas a ela podem ser expressas por números.

Os números, entretanto, não podem ser definidos até que exista algum

1:2

עשר ספירות בלי מה
ועשרים ושתים אותיות יסוד
שלש אמות ושבע כפולות
ושתים עשרה פשוטות.

*Dez Sefirot do nada
E 22 letras Fundação:
Três Mães
Sete Duplas
E doze Elementares.*

Dez Sefirot

O *Sêfer Ietsirá* define agora os 32 caminhos como consistindo de 10 *Sefirot* e 22 letras.

A palavra *Sefirá* significa literalmente “conta”. Distingue-se, assim, de *Mispar*, que significa “número”. Embora diga-se que as *Sefirot* representem os dez dígitos básicos, na realidade não são números. Contudo, são as fontes nas quais os números se originam. Apesar do *Sêfer Ietsirá* não dar o nome das 10 *Sefirot*, estes são bem conhecidos na Cabalá clássica. Elas são mostradas na **Tabela 6**. As *Sefirot* apresentam-se geralmente dispostas em três colunas, como mostrado na **Figura 1**.

Os nomes das dez *Sefirot* são todos derivados da Escritura. Ao enumerar as qualificações de Betsalel, Deus diz: “Eu o enchi com o espírito de Deus, com Sabedoria, com Entendimento e com Conhecimento” (Êxodo 31:3). Como o *Sêfer Ietsirá* declara posteriormente (1:9), o “Espírito de Deus” refere-se a *Kéter* (Coroa), a primeira das *Sefirot*. Sabedoria e Entendimento referem-se então às duas *Sefirot* seguintes.

As primeiras duas *Sefirot* estão aludidas no versículo: “Com Sabedoria Deus estabeleceu a terra, com Entendimento a firmou nos céus e com seu Conhecimento as profundidades foram quebradas” (Provérbios 3:19-20). Igualmente, está escrito: “Com Sabedoria se constrói uma casa, com Entendimento ela é estabelecida e com Conhecimento seus cômodos se enchem” (Provérbios 24:3-4).

Tabela 6 - As Dez Sefirot

1.	<i>Kéter</i>	Coroa
2.	<i>Chochmá</i>	Sabedoria
3.	<i>Biná</i> [<i>Dáat</i>]	Entendimento [Conhecimento]
4.	<i>Chéssed</i>	Amor
5.	<i>Guevurá</i>	Força
6.	<i>Tiféret</i>	Beleza
7.	<i>Nêtsach</i>	Vitória
8.	<i>Hod</i>	Esplendor
9.	<i>Iessód</i>	Fundação
10.	<i>Malchut</i>	Realeza

Todas estas fontes enumeram três qualidades: Sabedoria, Entendimento e Conhecimento. Entretanto, o Conhecimento não é propriamente uma *Sefirá* mas, meramente o ponto de confluência entre a Sabedoria e o Entendimento. Não obstante, de muitos modos comporta-se como uma *Sefirá*, e assim frequentemente aparece incluída entre as Sefirot.⁵²

As seguintes sete *Sefirot* se nomeiam no versículo: “Teus, ó Deus, são a Grandeza (4), a Força (5), a Beleza (6), a Vitória (7) e o Esplendor (8), por Tudo (9) no céu e na terra; teu, ó Deus, é o Reino (10)...” (1 Crônicas 29: 11).⁵³ Aqui são definidos os nomes de todas as *Sefirot* inferiores. Ver **Figura 1**. Em quase todas as fontes, entretanto, chama-se à primeira *Chéssed* (Amor) em vez de *Gue-dulá* (Grandeza). Similarmente, a sexta é chamada *Iessód* (Fundação) em lugar de Tudo. Entretanto, nos textos cabalísticos mais antigos, ambas as designações são usadas.

Segundo alguns cabalistas, as Dez *Sefirot* têm seu paralelo nas 10 vogais hebraicas,⁵⁴ que junto com as 22 letras compreendem então a totalidade do alfabeto hebraico.

Do Nada

A palavra empregada aqui é *Beli-ma* (בלימה) que pode também ser traduzida como “fechado”, “abstrato”, “absoluto” ou “inefável”.

Esta palavra aparece uma só vez na Escritura, no versículo: “Ele estende o norte sobre o Caos, pendura a terra sobre um nada (*Beli-ma*)” (Jó 26:7). Segundo muitos comentários, a palavra *Beli-ma* deriva de duas palavras, *Beli*, que significa “sem”, e *Ma*, que significa “o que” ou “algo”. A palavra *Beli-ma* viria então a significar “sem absolutamente nada” ou “nada”.⁵⁵

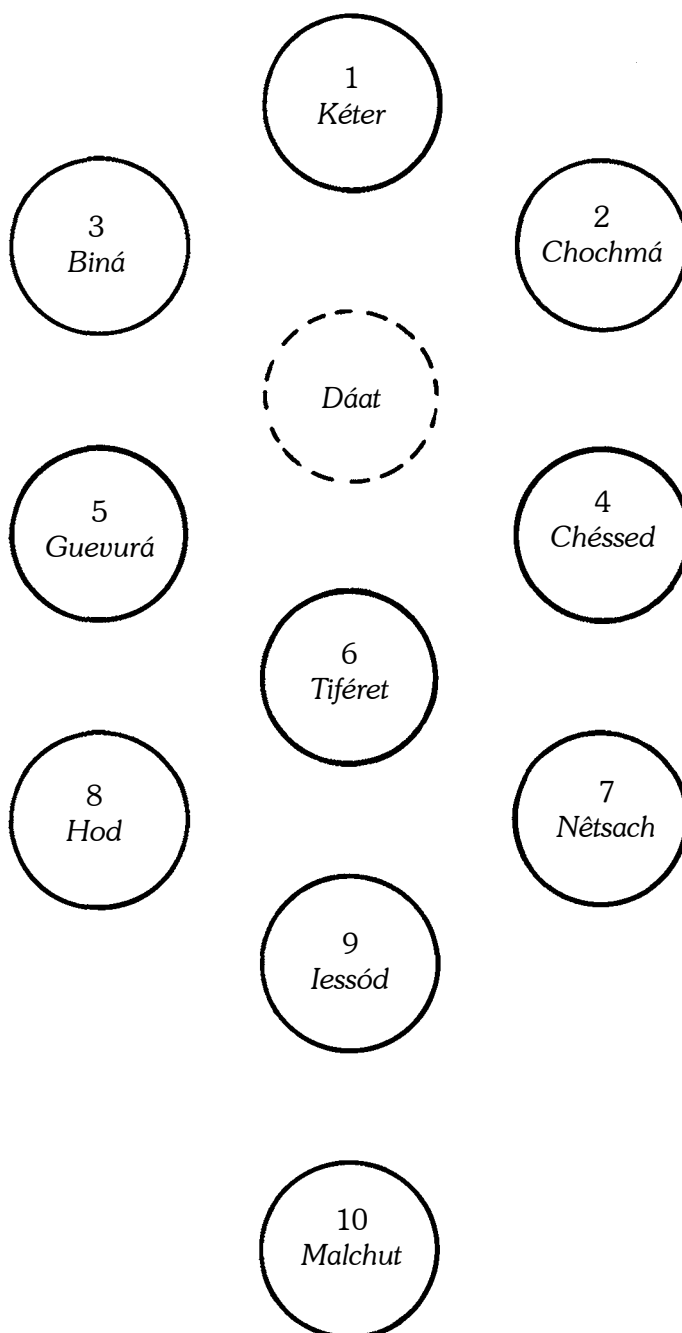
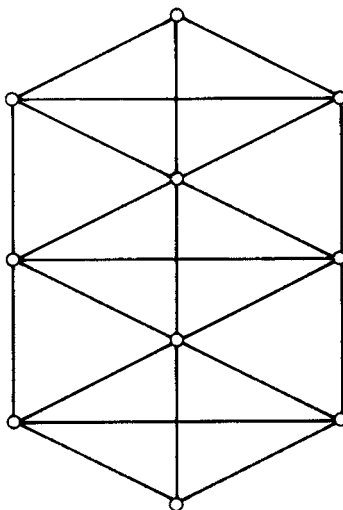
Figura 1 - As Sefirot

Figura 2 - Dez pontos unidos por 22 linhas. Há três horizontais, sete verticais e doze diagonais



De acordo com esta interpretação usa-se a designação “*Sefirot* do nada” para indicar que as *Sefirot* são conceitos puramente ideais, sem substância de nenhum tipo. Diferente das letras, que têm forma e som, as *Sefirot* não têm propriedades físicas intrínsecas. Como tais, são puramente conceituais.

Outras fontes estabelecem que *Beli-ma* vem da raiz *Balam* (בלם), que significa “freio”. Isto é encontrado no versículo: “Não sejas como o cavalo ou a mula que não entendem, cuja boca deve ser freada (*Balam*) com cabresto e rédeas” (Salmos 32:9).⁵⁶

Esta segunda interpretação parece ser indicada no próprio *Sêfer Ietsirá*, já que depois este afirma: “Refreia (*Balom*) sua boca de falar delas” (1:8). De acordo com isto, a tradução de *Beli-ma* seria “inefável”. O textoalaria então de “Dez *Sefirot* inefáveis”, indicando que não podem ser descritas de nenhuma maneira. Similarmente, o versículo bíblico “Ele pendura a terra sobre o inefável”, significaria que as forças que sustentam a Criação não podem ser descritas.⁵⁷

De acordo com ambas as interpretações, as *Sefirot* são distintas das letras. Enquanto as letras são primariamente modos de expressão, as *Sefirot* são inexpressíveis por sua própria natureza.

Um dos maiores cabalistas, Rabi Isaac de Aco (1250-1340), assinala que *Beli-ma* tem valor numérico 87. Por outra parte, o nome Divino Elohim soma 86. *Beli-ma* representaria então o estágio que segue imediatamente à pura essência do Divino.⁵⁸